

5 f h] [c g

Cântico muito apropriado para alimentar nossa piedade nos dias da Semana Santa, o Stabat Mater mereceria um comentário tão extenso quanto grande é sua beleza e unção. Porém, não sendo possível nos estendermos como desejaríamos, analisarei algumas passagens, baseando-me numa tradução a qual, infelizmente, não possui o mesmo



sabor do texto original em latim.

A situação mais trágica de toda a História

Estava a Mãe dolorosa, ao pé da Cruz, lacrimosa, e o Filho pendente dela. Dura espada lhe rasgava a alma pura, com dor, tristeza e gemidos.

Após a apresentação desse quadro, seguem-se algumas orações:

Eia Mãe fonte de amores, fazei que essas fortes dores eu sinta e convosco chore.

Fazei que a alma se me inflame, para que a Cristo Deus só ame e só busque o seu agrado.

%#%\$

Santa Mãe, isso vos peço, fique o peito bem impresso das chagas do Crucificado.

Fazei-me, enquanto viver, com meu Jesus condoer, convosco chorar deveras.

A cena aqui descrita, de Nosso Senhor pendente da Cruz e Nossa Senhora em pé (pois este é o significado de stare, em latim), chorando, é a mais patética de toda a história do mundo.

Nunca houve situação mais trágica do que essa, nem nada que se lhe comparasse. Diante desse quadro que deveria comover todos os homens, adquire especial relevo aquelas várias preces.

Caráter sagrado das relações mãe-filho

Para compreendermos o inteiro alcance desse cântico, convém considerarmos a relação Filho-Mãe.

No alto do Calvário se encontra Nosso Senhor, na força de sua idade, pregado na Cruz, exposto a um tormento indizivelmente agudo, com o Corpo todo chagado devido aos maus tratos anteriores, a coroa de espinhos ferindo-Lhe a cabeça, prestes a exalar sua alma. Passou por todas as dores e se acha no fim da agonia. D'Ele se poderia dizer, metaforicamente, como o fez a Sagrada Escritura: "Já não era um homem, mas um verme" (Sl 21, 7), e reputado "como um leproso" (Is 53, 4), de tal maneira estava desfigurado, chagado e lanhado.

Conforme predissera o Profeta Isaías, do alto da cabeça até a planta dos pés não havia em Jesus parte sã. Ora, a pessoa nessa situação pungente, própria a despertar a compaixão de todo o mundo, é ao mesmo tempo o Homem-Deus. Sendo o Inocente, e sofrendo o martírio mais injusto, humilhado pela ralé mais infame, tudo quanto contra Ele se executava assumia uma gravidade verdadeiramente infinita. Cometia-se, portanto, um pecado imenso, algo que deveria levantar de indignação até as pedras.



Pois bem, ao pé da Cruz estava a Mãe do Supliciado. Nada se respeita tanto no mundo quanto uma mãe que chora junto a seu filho morto. Isso faz cessar todas as hostilidades, apodos, qualquer espírito de vingança, toca e inclina as almas para a misericórdia. É a fraqueza feminina no que tem de mais sublime, a condição de mãe posta diante do que há de mais doloroso: o falecimento de seu próprio filho.

Tais sentimentos se verificam inclusive em se tratando do pior dos criminosos, digno da maior execração, justamente condenado à morte. Quando, nas vésperas de sua execução, anuncia-se a visita da mãe dele, tudo se suspende. A irritação despertada contra o sentenciado como que recebe um parênteses, todos acolhem sua progenitora com respeito e a conduzem junto ao filho que ela deseja consolar. E esse réu, objeto da reprovação geral, enquanto está com sua mãe adquire — pela sua condição de filho — uma respeitabilidade a qual pareceria impossível em semelhante facínora. Ninguém o atormenta nem o incomoda. Suspende-se o curso da justiça, até que o contato com sua mãe tenha cessado.

' #/\$

Tudo isso porque a relação mãe-filho é sagrada, envolve reservas de ternura inimagináveis. Em razão do que ela tem de sacrossanto em si, aplaca as cóleras e impõe toda forma de respeito.

Misérias da sensibilidade humana

Ora, no Calvário está a mais perfeita de todas as mães, chorando a ofensa feita a Deus com uma profundidade de sentido que não podemos sequer imaginar. Em face dessa cena compungente ao extremo, era de se presumir que a piedade humana naturalmente se enternecesse.

Se presenciássemos a crueldade de alguém que mata uma cachorra, abandonando à própria sorte os filhotes dela sem terem quem lhes procure alimento, sentiríamos uma impressão desagradável, teríamos pena. Pois somos assim, e nos enternecemos — às vezes exageradamente — com a dor sofrida pelos animais.

Então, se temos Fé e acreditamos que Nosso Senhor Jesus Cristo é Deus e morreu na Cruz para nos salvar, que Nossa Senhora existiu e estava ao pé da Cruz, deveríamos ter nossa alma partida de dor e nada poderia nos falar tanto quanto essa situação. Entretanto, devido à miséria da sensibilidade humana, dá-se algo de inconcebível: os mesmos que se deixam comover pelo infortúnio de um bicho, diante da Paixão se tornam “glaciais”, e dizem: “Já sabemos disso, hããã...”. A Morte de Nosso Senhor é uma das estações da Via Sacra. Dos que a rezam, quantos não têm a atenção voltada para outros assuntos? E quantos, mais numerosos, nem sequer dela participam, alegando ocupações mais importantes?

Essa indiferença humana é tão marcante que, depois de apresentar esse quadro, muito judiciosamente o Stabat Mater acrescenta quatro orações nas quais pedimos a Deus algo que deveria borbulhar do fundo das almas: o sentimento de arrependimento, compunção, gratidão; o desejo de aproveitar para si os frutos dessa Redenção, daquelas lágrimas, daquele Sangue, para progredirmos na prática do

(#/%\$



bem.

Por que existe tal indiferença? Porque esse tema é bonito, elevado, santo, grandioso demais. E pela sua natureza decaída com o pecado original, o homem se tornou tão ruim que, em presença de algo muito sublime, santo e elevado, fica completamente insensível. Há todos os motivos para chorar e se compungir, mas não chora nem sente compunção.

Pedir a graça da verdadeira compunção

Cumpra termos presente que o autêntico movimento de piedade provém de um ato de Fé e amor a Deus, frutos da vida sobrenatural recebida por nós através da graça. Não a podemos adquirir por simples méritos de nossa natureza.

Assim, temos de pedir e desejar ardentemente essa graça insigne: que a Paixão de Nosso Senhor não seja para nós uma coisa morta, poeirenta e distante, ocorrida há séculos, e sim algo de vivo que nos diz respeito diretamente, e nos toque no fundo da alma como sucedeu

5 f h] [c g

a todos os santos.

Esse “tocar no fundo da alma” não significa apenas um mero sentimento de tristeza, mas também de solidariedade para compreendermos a inteira relação do holocausto de Jesus conosco, movendo-nos a um ato de genuíno amor a Deus e de correspondência às graças.

Nosso Senhor e a Santíssima Virgem sofreram todas essas dores na intenção de salvar os homens, e mesmo que fosse para resgatar só a mim, as teriam padecido. Eles me conheciam pessoalmente no momento desse sacrifício, pensaram em mim e o aceitaram para me redimir. Assim, hei de corresponder a tanta misericórdia, deixarei de pecar e progredirei na virtude. Quero salvar almas e implantar o Reino de Maria na Terra, como a plena retribuição àquilo que na Paixão foi realizado.

É, portanto, esse movimento de alma, sensibilizada pela Paixão, que devemos pedir nas orações.

A esse propósito, tomo a liberdade de evocar um exemplo pessoal. No meu tempo de menino, quando me preparava para me confessar e fazer a Primeira Comunhão, minha governanta alemã, Fräulein Mathilde, dizia-me: “Faça seu exame de consciência”.

Eu o fazia e escrevia as faltas num papel, pois era muito distraído e receava me esquecer. Chegando na igreja, a governanta me mandava ajoelhar e rezar o ato de contrição. Em seguida me perguntava:

- Você se arrependeu?
- Não...
- Então reze a Via Sacra!

Terminada a oração, a mesma pergunta:

- Você se arrependeu?

Eu perdia a face diante de tanta maldade que era a minha ausência de arrependimento, mas não queria fazer uma confissão sacrílega, e

* #/%\$

5 f h] [c g

respondia: “Não”. Ela decretava: “Faça novamente a Via Sacra!”

Afinal, para conseguir me livrar de tanta Via Sacra, excogitava qualquer emoção ligeiramente “arrepentiva” e a governanta declarava: “Vai logo para o confessionário, senão essa contrição



desaparece”.

E eu, compenetrado de minha tremenda vilania — pois era um homem que não se arrependia de nada, tendo de se confessar rapidamente antes que se esvaísse aquele mínimo sentimento de culpa —, pensava: “É verdade, deixa eu pegar minha ‘contriçãozinha’ no pulo; do contrário, não sei o que será de mim.”

Claro está, essa governanta possuía uma idéia errada do que era o sentimento de contrição. Na realidade, não se trata de simples choramingar nem de uma dor sensível, mas é tomar profundamente a sério os dados fornecidos pela Fé, cogitando, por exemplo, no seguinte: até a última gota do Sangue de Nosso Senhor teve de ser derramada, quando a lança perfurou o próprio símbolo do amor, que é

+ # % \$

5 f h] [c g

o Sagrado Coração. Ele sofreu tudo por mim! Então, a que conclusões devo chegar?

Essa seriedade da alma é a compunção. Muitos santos a tiveram acompanhada de pranto, que é um grande dom: o das lágrimas. Mas este, embora muito conveniente, não é necessário para o autêntico arrependimento.

Portanto, em virtude dos méritos de Nosso Senhor Jesus Cristo, devemos pedir a graça da verdadeira compunção. E nesse intuito — sem procurar um “calorífero emocional” — será mesmo louvável que recitemos piedosamente uma Via Sacra.

Tesouros de lógica e virtude

Compreendemos, então, como o Stabat Mater é bem constituído.

Ele coloca diante nós o mais comovente dos quadros, e nos leva a fazer pedidos de que esta situação trágica de fato nos comova, reconhecendo a fundo a maldade e a dureza humanas, insensíveis a tanta dor.

Eia Mãe fonte de amores, fazei que essas fortes dores eu sinta e convosco chore.

Quer dizer, que eu me solidarize convosco. Concedei à minha alma uma participação na vossa dor.

Fazei que a alma se me inflame, para que a Cristo Deus só ame e só busque o seu agrado.

Depois da solidariedade, implora-se algo mais alto: uma união tal que eu só ame a Ele, Cristo Jesus.

Santa Mãe, isso vos peço, fique o peito bem impresso das chagas do Crucificado.

Note-se como está bem graduado e pensado: solidariedade, amor exclusivo, participação no sofrimento d’Ele aqui na Terra. Quero ter

5 f h] [c g

impressas em mim as chagas de Jesus.



E por fim:

Fazei-me, enquanto viver, com meu Jesus condoer, convosco chorar de veras.

Pede-se a graça da perseverança, para que durante minha existência inteira essa disposição de alma permaneça viva. Amém.

Percebe-se, dessa forma, a maravilha de Fé, lógica, coerência e humildade contida nessa oração. E esta outra característica, não menos bela: posto diante de Cristo crucificado, o fiel não se dirige diretamente ao Redentor, mas a Nossa Senhora, sabendo ser Esta o caminho mais certo e seguro de chegar a Ele. Então, aceitando a mediação universal de Maria, roga-Lhe sua intercessão para que suas preces sejam ouvidas pelo Senhor Jesus.

Na verdade, o Stabat Mater é uma poesia tão singela, tão simples, que

- #/\$

5 f h] [c g

requer profunda análise para se compreender e admirar os tesouros de teologia e virtudes nela encerrados. (Revista Dr. Plinio, Março/2005, n. 84, p. 26 a 30).

última imagem: Santinho que o jovem Plinio ganhou no Colégio São Luís, como prêmio pelas boas notas em Português

%\$#%\$